

ALEDA  
DE JAE

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L949L Lovato, Rafael  
A lenda de Jael / Rafael Lovato. – Porto Alegre, RS : AGE,  
2008.

14x21cm ; 152p.  
ISBN 978-85-7497-397-5

1. Romance brasileiro. I. Título.

08-1992. CDD: 869.93  
CDU: 821.134.3(81)-3

Rafael Lovato

A LENDA  
DE JAEL



PORTO ALEGRE 2008

© Rafael Lovato, 2008

*Capa:*  
MARCO CENA

*Diagramação:*  
LAURI HERMÓGENES CARDOSO

*Supervisão editorial:*  
PAULO FLÁVIO LEDUR

*Editoração eletrônica:*  
AGE – ASSESSORIA GRÁFICA E EDITORIAL LTDA.

Reservados todos os direitos de publicação à

**EDITORA AGE LTDA.**

[editoraage@editoraage.com.br](mailto:editoraage@editoraage.com.br)

Rua São Manoel, 1787 – Bairro Rio Branco  
90620-110 – Porto Alegre, RS, Brasil  
Fone/Fax: (51) 3223-9385 – (51) 3061-9385

[vendas@editoraage.com.br](mailto:vendas@editoraage.com.br)

[www.editoraage.com.br](http://www.editoraage.com.br)

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

*Aos homens puramente científicos, para que repensem.  
Aos meus pais, que me exemplificaram valores.  
Para Adriano, que constantemente fez contrapontos da vida.  
Para Melissa, não poderia faltar.  
...e também à G.: D.: G.: A.: D.: U.:*



*Montaigne perguntou: que sei eu? Rousseau:  
quem sou eu? E Freud acrescentou a terceira dimensão:  
como eu sou o que sou e como posso sabê-lo?*

– Mahsud Khan









## O princípio

O homem estava em meio a uma centena de livros que se amontoavam naquele cômodo escuro e empoeirado. Repentinamente encontrou um que lhe chamou a atenção, pois se destacava dos demais:

– Hum... *Icabod?!...* Interessante... – deixou escapar por entre os lábios. Abriu-o e imediatamente passou a lê-lo, querendo compreender do que se tratava:

“Dies Veneris XIII Aprilis MCDLXXXI.

*Pater noster; qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum; adveniat regnum tuum. Fiat voluntas tua sicut in caelo et in terra. Panem nostrum supersubstantialem da nobis hodie. Et dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris, et ne nos inducas in tentationem; sed libera nos a malo. Amen.*<sup>1</sup>

Passa alguns minutos das 23h da sexta-feira, dia 13 do mês de abril do ano de 1481, e o ducentésimo décimo segundo Papa da Santa Igreja Católica, Sisto IV – Francesco Della Rovere –, pontificia há mais de nove anos, conduzindo o rebanho de fiéis no mundo cristão. A noite está bastante fria e límpida, e do catre onde estou sentado posso ver com nitidez as copas das árvores de um bosque milenar e intocado, iluminadas pela lua cheia que brilha majestosa no céu, fazendo com que a noite quase pareça dia. Somente consigo escrever sob o manto noturno, o que não me atrapalha em nada e é

---

<sup>1</sup> *Latim*: Oração Católica “Pai-Nosso”.

até bom, pois tranqüilo e misterioso, ingredientes bem-vindos a esta narrativa que me proponho a realizar. Acompanhar-me-ão, nestas longas linhas, o fogo, o silêncio, minhas memórias – que espero não me abandonem nem fraquejem agora que decidi relatá-las – e muitas auroras.

Por muitos anos meditei e consegui conter a ânsia de minha mão em sua avidez de passar para o papel a história de minha sina. Mas agora que estou muito cansado e velho, já com 106 anos – uma eternidade de angústia e estranha longevidade preso a esta prisão que me encerra –, não mais consigo suportar sozinho tal peso sobre meus ombros, pois não sou forte como Atlas<sup>2</sup>. Terei de valer-me de minha última esperança para manter minha sanidade e conseguir reencontrar a paz para finalmente poder descansar. Além do mais, o que aqui me proponho a realizar pouca diferença pode fazer, pois o que irei relatar é de tal maneira fantasioso que ninguém irá acreditar...

(...) Nada me seria mais gratificante do que conseguir esquecer o ocorrido; de evitar o encontro, permanecendo na escuridão do conhecimento científico; de abandonar a curiosidade; de contentar-me com a simplicidade, ingenuidade e pequenez humana enquanto matéria, mas de infinitas possibilidades enquanto energia. Mas a lógica, o raciocínio arguto, a curiosidade, a arrogância e a soberba da inteligência me traíram, conduzindo-me por caminhos nunca sequer imaginados nem mesmo pelo mais fértil criador de contos e fábulas, levando-me indefeso direto à armadilha preparada por uma mente brilhante. Minhas crenças e verdades lógico-científicas deram-me falsas pistas de segurança e credulidade na sempre possível explicação científico-racional para todos os acontecimentos do mundo, de certeza de que há mistérios neste planeta, mas todos perfeitamente explicáveis pelo atento observador, com mente aberta e aguda. Que doces e confortantes ilusões povoavam minha mente naquela época, mantendo-me tranqüilo enquanto o mundo revolucionava ao arrepio de minha consciência!

(...) Talvez eu tenha ficado mesmo bem louco; talvez esteja delirando ou até mesmo cego por não ver minha profunda insanidade. Mas mesmo eu, Icahbod, o mais cético e científico dos homens que conhecia – e um ateu por excelência –, tive de curvar-me frente à inquestionável verossimilhança e inexplicabilidade racional e científica dos acontecimentos e fatos que protagonizei na minha juventude. Tive uma imensurável revelação – porque foi isso o que me ocorreu –, uma prova da

---

<sup>2</sup> Divindade grega que suportava o peso do céu sobre seus ombros.

fragilidade e dos equívocos da ciência, do erro do ceticismo e da existência do místico.

(...) Quando jovem não hesitava em afirmar, escarhecendo, que bruxas, fantasmas e anjos não existiam a não ser no pensamento dos fracos e não esclarecidos; que Deus era obra do homem e não vice-versa, e que o Demônio era criação da Igreja para assustar fiéis e impeli-los a contribuírem para a sempre crescente fortuna eclesiástica, pois para que os humanos necessitariam do céu se não existisse o inferno para os aterrorizar e punir? Hoje, sabendo muito mais do que sabia na época e sendo muito mais letrado do que sequer um dia eu poderia desejar ou imaginar, jamais abandono meu crucifixo, que sempre trago junto ao peito, por mais pesado e doloroso que me possa parecer ter de carregá-lo. Que ironia – partindo de um ateu –, não é mesmo?

(...) Esta narrativa é minha confissão. Se quiser o destino e neste sentido soprarem os ventos do alheio e alguém vier a ler meu relato, rogo que seja homem de limitados anseios intelectuais, resignado e esclarecido com sua condição, para que não tente, sob qualquer hipótese, trilhar o ‘caminho da revelação’, o mesmo que percorri, levemente, há quase um século e que acabou por me conduzir pelo caminho do qual, até hoje, não consegui encontrar o destino.

(...) Valendo-me de um escrito há muito lido, faço minhas as palavras nele contidas: ‘Chegou a hora de alertá-lo, meu caro leitor... Não, não só de alertá-lo, mas de adverti-lo com toda a seriedade’: se preza sua pacata e tranqüila vida e acredita no que digo, abandone esta leitura na qual somente encontrará meus fantasmas e medos mais secretos. Se me toma por ficcionista, por fabulista dos mais criativos e mesmo após este ostensivo aviso decida prosseguir, saiba disso: aquele que folhar e sorver as páginas desta narrativa não mais terá descanso nas longas noites de todo o resto de sua longa vida.”

O homem fechou a obra num ímpeto voraz, com a velocidade de quem foge de alguma coisa absolutamente pavorosa.

– Que livro sinistro! – falou baixinho para si mesmo, num tom de profunda dúvida acerca do que havia lido. Olhou novamente a capa, para certificar-se do título, na esperança de que isso trouxesse alguma resposta para seus questionamentos sobre a veracidade ou fantasia da narrativa, mas não teve sucesso: *Icabod*, escrito num tom marrom-escuro, o que até então não lhe significava nada além do nome da personagem que aparecia no livro.

O texto era manuscrito com uma caligrafia magnífica, de letras realmente desenhadas, às quais o escritor destinara, certamente, vários anos de treinos até chegar a tamanha beleza e perfeição. Era uma escrita limpa e forte a ponto de o leitor desconfiar se alguém com 106 anos seria capaz de tal firmeza ao empunhar uma pena. Pela aparência das folhas gastas, amarelas e corroídas pelas traças, o ano citado poderia realmente ser a data da feitura da obra.

– Bastante conservado para um livro com mais de 250 anos – murmurou.

O homem chamava-se Jael Martinez Bianco Cabballero e contava com pouco mais de trinta anos de idade. Obstinado leitor, diariamente vasculhava até altas horas da madrugada as prateleiras mais recônditas da vastíssima biblioteca do mosteiro da cidade à cata de conhecimento, literatura e curiosidades. Nunca se cansava do saber, e quanto mais o possuía, mais o queria. Era seu vício. Como era o mais assíduo freqüentador do cabedal de obras literárias e passava mais tempo na biblioteca do que em qualquer outro local, acabara por transformar-se em grande amigo do bibliotecário responsável pelo prédio e livros, monge beneditino Isaiás Piercorrugio. Em virtude disso, desfrutava de grandes regalias, gozando de trânsito ilimitado e franco acesso a todas as dependências, podendo retirar livremente livros, valer-se do prédio da maneira que melhor lhe aprouvesse e não ter hora para entrar ou sair. Na verdade tinha chaves de todo o edifício, algo com que o Abade nem mesmo sonhava.

Nesta noite Jael estava vasculhando o compartimento certamente menos freqüentado da biblioteca, apelidado de *sala dos livros tristes e esquecidos*, porque abrigava velhas obras abandonadas e que ninguém mais lia. Para ele não havia nada mais triste para um livro do que não mais ser lido e, portanto, ser esquecido, o que significaria lançar seu próprio autor no fosso escuro do esquecimento. Estava bisbilhotando um caixote de obras muito velhas e deterioradas que nem mesmo haviam sido colocadas nas estantes, talvez pela enorme quantidade de peças do acervo, tal-

vez pelo estado lastimável dos livros, talvez por alguém as ter julgado como desimportantes ou talvez por puro acaso, caixote este que mesmo as traças já haviam abandonado, tamanho o tempo que lá estava, inerte, aguardando por um leitor.

Após várias passadas de mão e inúmeras assopradas para remover o grosso da sujeira que impregnava o livro, Jael pôde constatar que o mesmo tinha uma capa amarelo-escura, quase um amarelo-alaranjado. Isso era assaz incomum: a grande maioria dos livros eram envolvidos por uma encadernação marrom ou preta, de couro, sendo as coloridas nada usuais, pois os intelectuais conservadores consideravam que a utilização de cores na parte externa de obras literárias retirava sua seriedade e austeridade. Na parte inferior direita da capa estava escrito o título *Icabbod*, que após a limpeza abriu sua verdadeira cor: um vermelho-vivo; vermelho-sangue. Outra estranheza digna de nota era que a primeira página fora deixada em branco, averso e reverso, e a segunda iniciava com o texto há pouco lido. Simples assim. Sem menção a autor ou editor, sem dedicatória ou qualquer outra informação relevante. Jael chegou a ponderar que talvez algumas de suas folhas houvessem sido arrancadas ou extraviadas. Folheou rapidamente a obra até seu final mas não encontrou sinais ou marcas que pudessem amparar tal hipótese: o texto parecia íntegro até o final do livro.

Definitivamente esta obra tinha algo de misterioso, de envolvente, de diferente de todas as outras que lera durante sua vida (e não foram poucas), mas esta história de *sobrenatural, energias e monstros* lhe parecia uma grande brincadeira, o que o inclinou a tomar o livro por ficção. Este escárnio e repulsa pelo sobrenatural advinha de não compartilhar das verdades populares, do fervor religioso comum na época e da crença em espíritos e no próprio sobrenatural. Considerava-se homem esclarecido, racional, que confiava na ciência, no comprovável experimental e materialmente acima de qualquer outra coisa, rechaçando o mundo religioso. *“Em tempos modernos como estes que vivemos não mais se admite a crença desenfreada e irrestrita em mitos, lendas, ícones e símbolos. A*

*ciência é capaz de explicar tudo que tem azo no mundo. Ela será o único entendimento do futuro!”* – costumava bradar com grande satisfação para quem quisesse ouvir. Noutros tempos certamente teria sido queimado numa fogueira, como herege. Talvez ainda corresse este risco... Um homem moderno e científico, sem sombra de dúvida. Fulcrado nesses entendimentos, não conseguia compreender como alguém (o autor do livro) que se intitulava *o mais céptico e científico dos homens*, enveredasse por um caminho caliginoso como a religião, iniciando sua obra com o *Pai-Nosso em latim*. Isso era intrigante e contraditório.

A despeito e descrédito do aviso contido no texto, tomando-o por nada além de um jogo de palavras bem escolhidas, condensadas numa obra fantasiosa, resolveu levar consigo a fábula (ou relato!?), pois havia lhe interessado tanto pela evidente qualidade da escrita quanto pelo mistério do enredo desenvolvido pelo autor. Além disso, sempre gostara de desafios, e desmascarar o suposto *sobrenatural* através de uma explicação científica lhe traria grande regozijo e deleite; desvendar este livro e percorrer suas páginas, terminando por encontrar uma explicação racional para o que quer que Icahgod apregoasse, seria mais um triunfo da razão e da lógica sobre a religião e o místico. Iria ser deveras interessante, e acabaria por solidificar ainda mais sua confiança e crença irrestrita na ciência.

Fato curioso ao qual Jael não destinara a devida importância (ou não notara) foi que no momento em que encontrou o livro passavam 10 minutos das 23h do dia 13 de outubro de 1732, sexta-feira. Bizarra coincidência ou macabra arquitetura do destino?

*“Poucos são os momentos em que conseguimos notar que um vício particular, íntimo, mesclado ao nosso ser, quase integrando seu cerne, nos levou a um ponto perigoso de escolhas, posto que por demais familiarizados com ele. E desafiar este limite muitas vezes pode ser desastroso... para nós mesmos, pois indubitavelmente pagaremos por este nosso descaso e soberba. Somos alvo fácil, refêns que somos de nossa própria arrogância.”*



## *Armadilha*

A temperatura havia baixado bastante, um vento ártico soprava nas ruas e Jael teve de dar duas voltas com seu cachecol em volta do pescoço para conseguir suportar o frio. Passava alguns minutos da meia-noite, e para poder descansar no calor de sua cama precisava vencer as centenas de metros que o separavam da pensão *Flor de Lótus*, na qual era inquilino, que distava três quarteirões da biblioteca do mosteiro da cidade. Num ensolarado dia de verão não levava mais do que um momento percorrer aquela distância, mas numa gélida noite de outono, quando se necessita de um esforço sobre-humano para galgar cada passada, com os músculos enrijecidos pelo frio, a distância parecia ser de quilômetros.

Jael era advogado por formação; freqüentara a mais bem conceituada Universidade do país: “*O que já gastei contigo daria para comprar um pequeno povoado*”, era a frase preferida de seu pai nos momentos de fúria e desgosto (ou mesmo angústia e preocupação), pois seu filho nunca chegara nem perto de exercer a profissão; gostava mesmo da ciência, principalmente de astronomia, matemática e lógica, intitulado-se *cientista*, epíteto pelo qual era conhecido por boa parte dos habitantes da cidade. Lia, estudava e inventava seus dias inteiros, incessante e dedicadamente. Mas tais atividades não lhe rendiam qualquer dinheiro; pior: lhe custavam muito caro, pois vivia a comprar livros e fazer experimentos. Tais extravagâncias (não ter profissão rentável e despender muito dinheiro) somente eram possíveis

porque descendia de família de muitas posses e recebia uma considerável mesada de seu pai: “*Um dia minha paciência vai se esgotar e vou terminar com esta moleza, aí quero ver como você vai se virar, doutor Jael!*”, dizia seu genitor. Mas o que realmente o preocupava era o fato de seu filho viver em *quase-eremitério*, preferindo a companhia dos livros às pessoas.

A iluminação das ruas era bastante precária, geralmente tornando perigosa a tarefa do pedestre em locomover-se sob o breu noturno. Mas nesta noite, com a claridade da lua no quarto minguante, que se esgueirava entre numerosas nuvens, refletida na neve que se acumulava pelas ruas, era possível enxergar muito bem o caminho, sem o risco de um tropeço ou escorregada. Havia nevado no crepúsculo e o excessivo frio não permitia que a neve derretesse, formando um grosso tapete branco sobre toda a cidade. A cada inspirada do ar gélido os pulmões de Jael pareciam encherem-se de cristais de gelo, dando a impressão de que iriam congelar e paralisar. Havia trazido *Icabod* consigo, o qual colocara dentro do casaco.

Ao abrir a porta de acesso principal da pensão, uma lufada de vento impregnou o quente ambiente com pequeninos flocos de neve, pois recomeçara a nevar na rua.

– Boa noite, doutor Jael. Voltou cedo esta noite. O sono o encontrou em meio aos livros? – perguntou Vilias Torquato Saar enquanto dirigia-se, com seu andar enferrujado, na direção de Jael. Era o proprietário da *Flor de Lótus*, e já estava se preparando para dormir.

– Boa noite. Sim, amigo Vilias, o sono me encontrou incomumente cedo hoje, estou bastante cansado. Acho que vou direto para a cama, dormir como uma pedra! – disse o advogado enquanto sacudia os flocos de neve que se depositaram sobre seu casaco e cabelos.

– Como preferir, doutor. Tenha um bom e seguro sono – disse amavelmente o velhinho com sua voz fraca e calma.

– O senhor também. – Ao terminar a frase, Jael pegou um candelabro que estava sob o balcão, acendeu suas cinco velas valendo-se de outra já acesa e acessou a escada que levava aos seus aposentos.

A pensão era um prédio de três andares, de uma cor marrom escura, com as aberturas também escuras, já envelhecidas pelo tempo. Quando decidira vir morar na cidade o cientista procurara por semanas um local que considerasse adequado às suas necessidades, e acabara por alugar o sótão da *Flor de Lótus*. Sua escolha basilara-se na amplidão do cômodo, bem como por ter duas grandes portas de vidro em suas extremidades, que davam, cada qual, para uma sacada, o que achara deveras agradável. Ele fizera várias modificações no imóvel: além de restringir, com uma porta, o acesso ao sótão, dividiu o enorme salão em três grandes peças: uma sala de estar, que ficava no centro, onde terminava a escadaria de acesso; um vasto escritório, que também abrigava sua biblioteca particular, sendo o maior dos três cômodos e cuja sacada dava para os fundos do prédio; e seu quarto, que também abrigava um *closet* e era de frente para a rua. Era um vasto e amplo apartamento, e o advogado o mobiliara refinadamente, ficando um ambiente deveras agradável e de notável bom gosto (e muito dinheiro). Foram, inclusive, instaladas três lareiras metálicas (invenção do próprio Jael), uma em cada cômodo, para poder suportar o frio que fazia na cidade na maior parte do ano. No inverno e em dias muito frios, Esdras Ilia Saar, o jovem neto e ajudante de Vilias, mantinha-as sempre acesas. Se o pai de Jael soubesse que gastara tamanha soma num imóvel alugado, teria um faniquito.

Jael venceu o último degrau enquanto removia as luvas das mãos e colocava-as no bolso do sobretudo, ainda portando o candelabro. Depositou-o sobre o parapeito da escadaria, abriu seu casaco e retirou o livro, colocando-o sobre uma mesinha de centro que ficava junto a duas poltronas e um sofá. Valendo-se novamente do lampadário, dirigiu-se ao quarto, colocou uma grossa acha de madeira no fogo, para sustentá-lo durante a noite, retirou as pesadas vestes, ficando absolutamente nu, e foi se deitar, mantendo o castiçal aceso ao lado da cama, sobre o criado-mudo, dividindo espaço com vários livros amontoados. Estava bastante

cansado, com as pálpebras pesadas, e sua cama estava deveras confortável, sendo o crepitar da lenha no fogo uma sinfonia de exaltação ao sono. Nem mesmo apagou as velas, até dispensáveis, pois as chamas das lareiras iluminavam difusamente os três ambientes. No momento em que já havia se aquecido e o sono estava conduzido-o por seus caminhos, o texto de *Icabod* lhe assaltou a mente, como um relâmpago na escuridão da noite, despertando-o de seu estado sonolento, quase dormente. O que seria aquela escrita? Era para ser levada a sério ou tomada por mero romance? Seria uma obra religiosa?

Como no cerne de qualquer cientista, o que impulsionava a existência de Jael eram as dúvidas, as incertezas e a busca de respostas e explicações para os mistérios do mundo, na tentativa de transformá-lo num local melhor para se viver e prolongar a vida humana. *Icabod* conseguira plantar as sementes do mistério e da dúvida dentro do cérebro do advogado, e esta era a melhor de todas as armadilhas para se capturar uma mente intelectualmente arrogante: o cientista soberbo não descansa enquanto não consegue desvendar um mistério, espancando sua dúvida.

Com tais incertezas habitando sua mente, não conseguiria dormir. Mesmo não querendo abandonar o calor das cobertas, levantou-se da cama num ímpeto e foi, correndo, buscar o livro. Apanhou-o e retornou rapidamente para o calor de seu leito. Após cobrir-se totalmente, mal deixando seus olhos e o livro de fora, reabriu-o e retomou a leitura do ponto em que havia parado:

“Dies Saturni XIV Aprilis MCDLXXXI.<sup>3</sup>

(...) Minha incursão no malfadado caminho que me trouxe à triste condição em que me encontro teve início no ano de 1396, quando eu contava com apenas 21 anos de uma vida, até então, conduzida na ignorância

---

<sup>3</sup> Sábado, 14 de abril de 1481.

e na pobreza. Desde moço sempre tive muito gosto pela descoberta e pelo científico, mas descendia de família de camponeses muito humildes que nunca teriam condições de me proporcionar a educação que eu gostaria. Ainda muito jovem, meu pai me ensinara a ler e escrever, algo incomum para pessoas com nossa condição. Meu avô havia aprendido a escrita com meu bisavô, que aprendera com um amigo monge, e havia ensinado para o meu pai que havia me repassado aquele conhecimento, pelo qual eu era muito grato. Apesar dos escassos livros e folhetins herdados, adorava ler.

Na minha adolescência havia decidido que não seguiria a profissão de meu pai – criador de carneiros – e sim que dedicaria minha vida aos estudos: seria um homem letrado e erudito, alguém importante e respeitado, e a única maneira de um rapaz pobre alcançar tal objetivo seria engajando-se ao catolicismo, indo estudar num monastério. Meus pais eram religiosos beatos, realmente devotos, e adoraram a idéia de ter um filho que dedicasse sua vida a Deus. Nunca tive coragem de contar a eles o quão absurda a religião me parecia e o quão terrível era, para mim, a idéia de enclausurar-me num mosteiro, integrando algo que eu não acreditava. Mas não me restava alternativa: se quisesse levar a cabo o meu sonho teria de sujeitar-me. Por intermédio de um parente distante, que tinha certa influência e amigos na Igreja, fui aceito como noviço com a idade de 14 anos.

(...) O mosteiro era um lugar assustador, e na primeira vez que avistei os portões da muralha que o guarnecia tive a nítida impressão de que, se existisse um inferno, certamente se escondia por detrás daquelas enormes portas de madeira. Não sei se foi minha resistência à religião e sua disciplina que tornou tudo tão odioso e repugnante ou se realmente tal edifício fora erigido com o intuito de intimidar e atormentar seus moradores: o que sei é que aquele lugar me dava calafrios e um sentimento de opressão e incessante e eterna vigília. Era uma construção muito antiga, toda feita de enormes blocos de pedra; as paredes eram cinza e gélidas, dando a assustadora impressão de que se tratava de uma prisão, e todas as suas portas e janelas rangiam ferozmente ao serem movimentadas, o que lhe emprestava um aspecto tétrico. Os quartos – ou celas, que era com o que mais pareciam – eram pequenos e tinham janelas minúsculas, o que os tornava ainda mais frios. Minha cama era um catre tosco e nada aconchegante, escavada na pedra e forrada com palha. Toda a coragem e determinação de que dispunha foram postas à prova durante os anos que habitei aquele cárcere com seus inúmeros rituais e segredos.

(...) Os ícones, os crucifixos, as capelas, as intermináveis orações, a devoção exacerbada, a rígida disciplina e o claustro eram terríveis e me consumiam a cada dia, mas as aulas, a comida e a biblioteca valiam a pena...

(...) Todos tínhamos afazeres. Eu cuidava para que a horta não fosse tomada pelo inço, passando os dias a carpir e revirar a terra. Era uma labuta árdua e cansativa, e meu pouco tempo livre eu despendia na biblioteca, no ‘scriptorium’, lendo livros! Que momentos sublimes! Que alegria! Poderia passar minha vida folheando aquelas obras e adquirindo seu conhecimento. Após anos notando meu enorme cuidado, dedicação e interesse pelos livros, o irmão bibliotecário, Ivanor Germano Tedesco, convidou-me para ser seu assessor – o assistente-bibliotecário –, cargo que aceitei imediatamente, sem pestanejar e com grande empolgação e satisfação. Assumindo função de tamanha importância, não mais precisava encarregar-me do horto e passava meus dias a organizar e limpar as estantes de livros, etiquetar as obras e buscar as que fossem necessárias às pesquisas, leituras, traduções e cópias desenvolvidas no ‘scriptorium’! Aquilo era maravilhoso.

(...) Meu cargo propiciava acesso irrestrito a todas as dependências e obras da biblioteca, e eu a bisbilhotava dum canto a outro, sem qualquer escrúpulo. Não exagero ao afirmar que aqueles foram os melhores meses de minha vida. Afinal havia encontrado felicidade! Até que numa tardinha – parece que foi ontem –, enquanto limpava uma estante, encontrei, perdido atrás do móvel, um livro que, apesar de empoeirado, chamou minha atenção por sua beleza e magnífica encadernação: sua capa era bastante grossa, rica em arabescos em relevo e de uma cor amarelo-ouro, quase brilhante, contendo, também em alto-relevo, um lindo crucifixo cor-de-vinho que lhe ocupava grande parte. Suas páginas haviam sido costuradas à mão e coladas, dando a impressão de ser formado por pergaminhos de excelente qualidade, muito raro, rico em detalhes dourados em suas bordas. O livro era todo manuscrito com tinta vermelha, e parecia ser extremamente velho. Tinha a aparência de uma relíquia, de algo sagrado, tamanha sua beleza e esmero na feitura. A capa e as primeiras páginas estranhamente não continham qualquer título nem menção ao seu autor, o que me fez concluir se tratar de obra única. Sua primeira página tinha uma saudação inusitada, que tentarei trasladar fielmente:

‘Graças elevo ao anjo, para que reencontre a luz e conclua o ciclo.  
Graças elevo ao Criador, origem da verdadeira luz e sabedoria do mundo e dos homens.  
Graças elevo aos homens que buscam a luz.

Graças elevo para que tenha um fim próximo a minha jornada, não sendo por demais longa.

Graças elevo para graças me elevarem e para que na graça me reencontre.’

O crucifixo na capa e a saudação deixaram evidente o cunho religioso da obra, o que me fez ter vontade de abandoná-la na estante. Estava cansado de ler livros sobre debates teológicos e estudos religiosos, mas alguma coisa me intrigara naquela maneira de escrever, alguma coisa misteriosa que eu não conseguira identificar, algo diferente. No compasso em que falava do Divino também deixava uma incerteza pairando entre suas linhas...

A segunda página era totalmente branca, sem qualquer marca ou escrita. Cheguei a pensar que o autor havia sido descuidado e esquecido de removê-la. A terceira continha o texto propriamente, e iniciava com uma data cuja grafia acabei adotando em meus escritos, por considerá-la bela e requintada:

‘Dies Iovis XIX Januarius CMLXXI’

‘Quinta-Feira, 19 de janeiro de 971’... Este dado vinha ao encontro de minha desconfiança sobre a idade do livro, e se fosse verdadeiro eu tinha uma obra de mais de quatro séculos nas mãos! Tratava-se, realmente, de uma antiqüíssima relíquia, verdadeira preciosidade.

(...) Após ler atentamente algumas linhas, finalmente descobri o nome do autor, e assim como progredia no texto tive a nítida impressão de que a obra tratava-se de algum tipo de mapa, diretriz ou coordenada para que o leitor encontrasse alguma coisa, e começava mais ou menos assim:

‘Aquele que seguir corretamente todo o caminho iluminado por este livro experimentalá o gosto da eternidade e possuirá um tesouro que vários homens almejam mas que nenhum realmente acredita existir. Persevere, e eu, Phineiaz, atesto e garanto que encontrará a verdade da criação do mundo e dos homens. Basta determinação e coragem.’

A proposta era estranha, sucinta e pretensiosa. Curioso como sempre fui, ainda na primeira página mal podia esperar para saber de que tesouro Phineiaz falava e como terminaria aquela história. Não acreditei que o que o autor estava narrando pudesse ser um relato fiel de fatos verdadeiros, e tomei

o livro por obra de ficção de uma mente criativa. Ah, se soubesse o que sei hoje teria lançado às chamas aquele compêndio herético!”

O sono havia tomado conta de Jael, completamente. Não mais conseguia manter seus olhos abertos nem o foco de sua mente na leitura. Fechou o livro, depositou-o sobre o criado-mudo, apagou as velas e em poucos momentos adormeceu.

*“A precipitação de assunções, gerada pela ansiedade e confiança extremada em nossa verdade individual, nos conduz a conclusões, não raramente, obtusas e certamente não bem-vindas. Tropeçamos em nós mesmos; caímos em ciladas armadas pela nossa própria vida. Pouco do que nos ocorre é mera coincidência posto que estamos ligados ao nosso meio; criamos o caminho de nossa existência. Se não conseguimos perceber isso, tombamos. E pensar que bastava, talvez, somente um pouco mais de humildade para reconhecer nossas limitações intrínsecas.”*



## *As coincidências e assunções*

Ao despertar teve a nítida impressão de ter sonhado com o relato de Icahbod. Aquele livro era assaz estranho, permeando as barreiras do comum e trivial e passeando por terrenos pouco explorados. O que teria o autor em mente? Era verdade o que narrava? E o livro do qual estava falando, o escrito por Phineiaz, teria existido ou era tudo fantasia de uma fértil mente de um escritor de histórias fabulosas?

Nevara bastante durante a noite e no princípio da manhã. Um vento gélido cortava as alamedas da cidade, fazendo com que poucas pessoas se aventurassem a sair perambulando pelas ruas. Somente se via o frenético trabalho das pessoas encarregadas de desobstruírem os passeios públicos cobertos de neve. Acordou cedo, por volta das 8h da manhã, algo incomum na sua vida de notívago. Gostava de ler e estudar durante as madrugadas pois silenciosas e calmas, sem viva alma para perturbá-lo, distraíndo sua atenção. Além disso, tinha um certo fascínio pela escuridão noturna, estrelas e lua, preferindo o breu da noite à claridade do dia.

Ainda restavam brasas na lareira em virtude da grande acha de lenha que jogara ao fogo nesta madrugada. Vestiu-se calmamente, pegou o livro de capa amarelo-alaranjada e desceu até a sala de refeições da pensão. Estava faminto.

O ambiente era aconchegante e tinha várias mesas redondas de quatro lugares cada. Ao adentrá-lo pôde constatar que vários hóspedes tomavam seu café da manhã, e foi recebido por Vilias:

– Bom dia, doutor! Que satisfação ter sua companhia tão cedo nesta gélida manhã de outono! Por favor, sente-se. Providenciarei seu desjejum.

– Bom dia, Vilias – respondeu o cientista deixando um leve sorriso escapar por entre os lábios. Era realmente raro tomar café da manhã. Apesar de haver vários espaços desocupados nas mesas em que estavam sentados outros hóspedes, sentou-se numa mesa vazia; queria privacidade.

Investigador nato que era, enquanto bebia uma xícara de leite e saboreava uma fatia de pão caseiro com geléia de morangos, lhe ocorreu que seria uma boa idéia pesquisar sobre os nomes de Icahbod e Phineiaz. Talvez encontrasse algo relevante e até mesmo interessante que pudesse elucidar esse mistério que envolvia a obra: tratava-se de fatos verídicos ou era uma história ficcional?

Antes de ir à biblioteca, decidiu que pararia de protelar sua ida ao comércio da cidade: fazia semanas que necessitava comprar um novo sobretudo porque seu antigo estava muito velho e desbotado, surrado pelos anos de uso. Odiava comprar roupas pois não gostava de escolher e experimentá-las, tendo certa dificuldade para conseguir decidir qual peça comprar. Mas hoje venceria esse desafio, mais por necessidade do que por determinação e vontade.

Dirigiu-se ao estabelecimento *Comércio de vestuário, chapéus e tecidos*, onde sempre encontrara roupas de qualidade e a seu gosto. Levou *Icahbod* consigo, pois dali pretendia rumar direto para a biblioteca.

A loja era bastante antiga e ocupava um prédio central da cidade. Quem o atendeu foi a proprietária, Nydia Nin Gralow, que lembrava uma tia de Jael, já falecida, que o havia cuidado na infância. Talvez por isso gostasse tanto de conversar com Nydia, apesar de pouco freqüentar seu estabelecimento.

– Bom dia, doutor Jael! No que posso lhe ajudar? – perguntou alegremente a comerciante.

– Bom dia, dona Nydia. Estou precisando de um sobretudo novo...

– Hum... Claro! Vamos ver o que temos aqui...

Ela mostrou-lhe inúmeros casacos, de todos os tipos, tecidos, cores e tamanhos (todos feitos por ela mesma). Ele acabou por gostar de um preto, de um tecido bastante pesado e grosso, que era tão longo que ao ser vestido quase tocava o chão. Além disso, tinha um grande capuz, que, se colocado sobre a cabeça, praticamente ocultava inteiramente o rosto. Ao usar o sobretudo e colocar o capuz por sobre a cabeça a impressão que se tinha era que se tratava de um monge, sendo que Nydia chegou a fazer o sinal da cruz, devota cristã que era, e apesar de sua cara nitidamente desaprovadora a vestimenta para Jael foi esta que o advogado acabou por escolher. O porquê nem mesmo ele sabia; de fato o casaco lhe vestia estranho. Mas Jael era extravagante não só nas suas idéias, e tinha adorado a aparência monástica do traje; gostava de troçar com esses assuntos.

Aproveitou o restante da manhã para fazer mais algumas compras e acabou demorando-se mais do que havia programado, e decidiu primeiro almoçar e somente depois ir para a biblioteca.

Após o almoço, já tendo vencido a batalha da compra das roupas, munido do livro que lhe fizera companhia o tempo todo, rumou para a biblioteca para fazer o que havia se proposto. Acabou pegando um caminho mais longo para chegar até o seu destino: havia comido demais e uma caminhada ajudaria sua digestão.

O tempo permanecia carrancudo e frio, havendo grande chance de nevar novamente. Felizmente a baixa temperatura não era um sério problema na biblioteca, pois o prédio contava com uma caldeira e um eficiente aparato de calefação. É bem verdade que o sistema não aquecia muito, propositalmente, por causa da conservação dos livros, mas pelo menos não era tão frio quanto na rua.

O prédio estava livre da presença de qualquer pessoa, como era comum nos sábados à tarde. O cientista tirou o casaco, o cachecol e

as luvas, depositando-os sobre uma mesa ao lado da que utilizaria para seus estudos e leituras. Sabia que não tinha elementos suficientes para descobrir grande coisa sobre o livro nem sobre seu autor, mas iria tentar mesmo assim.

Pesquisou os nomes de Icahbod e Phineiaz, vasculhando por inúmeras obras, dicionários, enciclopédias, biografias e livros religiosos. Chegou a pensar em abandonar a busca, pois não encontrara qualquer informação substancial. A maré mudou ao ler um livro sobre teologia, onde se deparou com uma citação bíblica: 1 Samuel 4:19-22:

*“19. Estando sua nora, a mulher de Phineiaz, grávida, e próximo o parto, ouvindo estas novas, de que a Arca de Deus fora tomada, e de que seu sogro e seu marido morreram, encurvou-se e deu à luz; porquanto as dores lhe sobrevieram.*

*20. Ao expirar disseram as mulheres que a assistiam: Não temas, pois tiveste um filho. Ela porém não respondeu, nem fez caso disso.*

*21. Mas chamou o menino Icahbod, dizendo: Foi-se a glória de Israel. Isso ela disse, porque a Arca de Deus fora tomada, e por causa de seu sogro e de seu marido.*

*22. E falou mais: Foi-se a glória de Israel, pois foi tomada a Arca de Deus.”*

“Inusitado!”, pensou Jael, que levou alguns momentos para assimilar o que lera. “Que coisa bisonha”. No texto bíblico Icahbod era filho de Phineiaz, o que seguramente indicava que a obra depositada sobre a mesa provavelmente não passava de um conto ficcional-religioso porque óbvio que isso não fora uma coincidência e sim obra deliberada do autor. Além disso, o texto fazia menção à Arca da Aliança!

– Que ingredientes para uma história para assustar crianças... – falou baixinho para si mesmo. “Este escritor é dos bons. Com certeza uma pessoa que acredita no místico e no sobrenatural pode vir a acreditar no que ele escreveu!”, pensou, dando um largo sorriso.

– Para variar, Jael Cabbalero aqui, lendo livros! – bradou Isaías, assustando sobremaneira o advogado, que chegou a pular na cadeira. O bibliotecário era assim, gostava de pregar peças.

– Você me assustou – disse, levando a mão ao peito como que para desacelerar os batimentos cardíacos. – Foi bom que apareceu. Estou lendo uma passagem neste livro e pensava no amigo...

Jael e Isaías, não raramente, passavam horas debatendo sobre assuntos de ordem filosófico-religiosa, e sendo ambos extremamente letrados, comumente estas *conversas* terminavam em discordância, pois nem um nem outro aceitava a defesa de posicionamentos contrários aos seus.

– Hum... E sobre o que trata? – indagou o monge.

– Remete-me às coincidências que ocorrem no mundo dos homens... – respondeu Jael, já sorrindo, pois sabia o que o amigo certamente diria em seguida.

– Coincidências não existem! – falou firmemente Isaías. – Nós, homens, caminhamos sobre linhas traçadas por nosso Criador, sempre conduzindo-nos conforme a vontade Divina...

– Pois eu encaro as coincidências com naturalidade, e digo mais: descredito que tudo no mundo tenha um fim determinado e específico, o que me faz rechaçar o conceito de *Maktub*, ou seja, que o homem não comanda seu destino, não passando de mera marionete de uma vontade maior e inexplicável: a chamada, pelo amigo, de *vontade Divina*...

– Pois saiba que ela é que determina o caminho de toda sua existência, seu cientista maluco. Deus Pai Todo-Poderoso olha e nos guia, e todas as energias do mundo convergem para que seja feita a Sua vontade...

– Não se esqueça de que nem mesmo acredito em Deus! – ao cientista dizer isso, o monge fez o sinal da cruz e balbuciou:

– Heresia...

– Eu acredito, isso sim, que o futuro é feito no dia-a-dia, nas decisões tomadas e ações efetivadas; nada é estático, predeterminado e imutável, e coincidências existem sim, sem precisar se cogitar que alguém: *Deus?!* arquiteta os passos dos homens, determinando-lhes o destino...

– Não sei por que o aturo e lhe destino tamanha deferência. Na verdade sei sim: é que Deus nos ensina a amar a todos e principalmente auxiliar aqueles que estão perdidos, para que não percam suas almas...

O cientista sorriu. Não conseguia entender como alguém podia acreditar tão piamente em algo evidentemente fantasioso. O monge continuou:

– Mas, então, o que são as coincidências? Obra do puro acaso?

– Exatamente!

– Quer dizer que para você estamos abandonados à nossa própria sorte? Encerramo-nos em nós mesmos, como um barco à deriva, à mercê da sorte?

– Sim. Duro mas real – respondeu rispidamente Jael.

– Desculpe-me, mas não posso concordar. Ao olhar ao nosso redor e observar tudo o que acontece no mundo, sou forçado a pensar que deve haver mais do que isso... Tem de haver algo além disso...

– Eu acho que essa necessidade da existência de um Ser Superior magnânimo e absoluto é puro medo... – disse sarcasticamente o cientista.

– Não, não é o medo. É o que está além dele. Não pode ser tudo coincidência, Jael, muitas das coisas no mundo são deliberadas... Você me diz “*eu não acredito; não sou um espiritualista*”, mas você gostaria de saber a verdade? De realmente encontrar uma prova que ruísse seu conceito puramente cientificista? De encontrar os abismos e lacunas existentes dentro de você mesmo? Você realmente busca a verdade? Será que não é o amigo que está com medo, buscando uma ciência absoluta? Diga-me: por que existimos? Para vivermos, pura e simplesmente, e morreremos? Não... Eu gosto de pensar que, quando morrer, terei uma nova chance noutro lugar e num outro tempo, e isso me conforta. Eu sei onde eu terminarei meus dias... E você, sabe onde sua ciência o levará?

– Sei. Terminarei no pó, exatamente como sua bíblia diz. E isso não deixa de ser, também, confortante... Será o fim.

– E é exatamente por isso que vocês, os cientistas, buscam desesperadamente estender a vida humana, pois acreditam, erroneamente, que é a única que têm. Mas tudo bem. Um dia o converto. Tenho afazeres. Mais tarde conversamos.